

14-04-2021

O Gabinete do Dr. Calligaris Bruno Chapadeiro

[Professor do PPG em Psicologia da Saúde – UMESP]

“Cada um vive a morte à sua maneira” escreveu a psicanalista Maria Homem em artigo intitulado “O que seria de mim” ao caderno Ilustrada do jornal Folha de S. Paulo de 08/04/2021 em que presta tributo a seu marido, o também psicanalista, Contardo Calligaris, morto em março. Num país em que nem há tempo hábil para chorarmos nossos mortos, uma vez que, recentemente, por dia, estes infelizmente se contabilizam aos milhares, o que se sabe, é que, com os mesmos, se vão histórias, afetos e memórias.

O amor da vida de alguém. Os ritos de passagem nos são caros, quando mais se tratando da morte, experiência tão singular sentida coletivamente. Enterrar e prestar homenagem a quem se vai deveria ser um direito. Que o digam as *Madres de Plaza de Mayo*. Condenadas a marcharem eternamente em busca de seus filhos que, tal como o genocídio brasileiro 2020-2021-202..., tem o Estado como o 4º cavaleiro do apocalipse que abrevia diversos CPF's ao que de fato o são ante este, apenas números.

A história do capitalismo versa sempre sobre cifras, onde os cifrões do vil metal reduzem a pó o barro lapidado.

Partirei da morte para prestar meu tributo à vida, e consequente *opus*, do aqui jaz citado, o psicanalista Contardo Calligaris.

Re-voltar à referida coluna de sua viúva é deparar-me com o temor ancestral do humano que em seu leito de morte encarou a visita da temida senhora hora com revolta (“ma che merda!”), hora “psicanalizando até debaixo d’água” (“espero estar à altura”), segundo a autora. Em resposta ao título do artigo em questão, diz-se que fora: “[Você] vai ser o que quiser”, a frase que teve como tréplica, a amada amante. O que a fez dizer ao pé do ouvido do amado tudo o que quis dizer. Algo que inclusive teria o acalmado para partir em paz. Impossível na leitura desse ponto não me lembrar da linda cena final do “*Lost in Translation*” da cineasta Sofia Coppola. Partir é muitas vezes perder-se na tradução daquilo que sequer é dito. E que poder tem o não dito no enclinação ao leito que é, de fato, a clínica psicanalítica.

Meu primeiro contato com Contardo Calligaris foi através de um texto seu utilizado numa prova do Exame Nacional do Ensino Médio - Enem que prestei certa vez. Havia um enxerto: “Cazuza mordeu a vida com todos os dentes”, em referência ao, à época, recém-lançado filme “Cazuza - o tempo não para” de Sandra Werneck e Walter Carvalho. O trecho em tela fora utilizado para uma questão sobre interpretação de ~~seu~~ texto (perdão o Ato Falho) sobre o que teria desejado o autor expressar com aludida declaração. Entendera eu, somente após buscar o texto completo para mordê-lo com todos os dentes, tamanho o fascínio e curiosidade adolescente que me despertara, que o autor nos provocava a refletir sobre questão recorrente nas fantasias de poetas e boêmios: mais vale viver retilineamente, de forma comedida e longa ou existir pouco, porém com todo o amor que houver nessa vida? Se o elixir da vida é a busca por apanhar mais e mais pomos do jardim das hespérides, o jardim imortal das hercúleas tarefas, para desfrutarmos da juventude eterna que é

sempre desvendar fascínios do mundo ao nosso redor, lá foi este que vos escreve descobrir que o autor do texto que me mordera (o texto, não o autor, se é que se pode separar criador e criatura nesse quesito) também redigia outras tantas colunas igualmente instigantes sempre às quintas-feiras no já mencionado periódico paulista. O destino delumbre que tive ao notar a facilidade com que o autor decodificava todo aquele, para mim ainda, inacessível linguajar e olhar da freudiana artífice, tanto aos temas prosaicos, como também à Arte, ao cinema, aos amores, à sexualidade com tamanha simplicidade, fizeram-me ficar muitas vezes boquiaberto e tendo a fantasia que meus aplausos imaginários chegavam aos ouvidos do destinatário que a mim remetia tão bem formuladas mensagens. A 5ª coluna do Dr. Calligaris compôs minhas quintas-feiras desde então. Por muito tempo residiu em mim o desejo de um dia vir-a-ser o tipo de intelectual que Contardo o era.

Quase como uma disputa realizada apenas em meu mundo subjetivo, tentava eu sempre correr atrás de zerar a quantidade de livros e filmes consumidos pelo meu autor-ídolo (muitos de minha biblioteca e videoteca particular devem-se a ele).

A figura de serenidade e propriedade com que abordava certos temas, fosse na coluna, ou ainda em programas televisivos amplificavam em mim o desejo da boa escrita, da psicoterapia, da intelectualidade orgânica de classe, da fantasia do glamour de sempre estar problematizando questões etéreas em círculos sociais com uma taça de vinho numa das mãos. Fantasiei eu por muitas vezes como deveria ser o Gabinete do Dr. Calligaris.

Onde estudava. Onde escrevia. Onde se fazia o intelectual que me espelhava em ser. A figura do cientista que se interessa pela arte, ou do artista que, em essência, desenvolve com ciência seu fazer, em por exemplo, figuras como Contardo Calligaris e/ou Antônio Abujamra (antes de rascunhar estas linhas inspirei-me justamente num diálogo entre ambos numa edição do programa “Provocações” da Tv Cultura que espero esteja sendo continuado noutro plano) me moldaram. Sou neto de um reconhecido professor de patologia e uma artista plástica.

Ao lhes dedicar meu Mestrado, disse-lhes que de um herdei o gosto pela ciência, e da outra o amor pela Arte. Hoje para/em mim, elementos indissociáveis. Embricados até a alma.

Algo tão forte que me faz notar por exemplo, personagens do cinema como Mr. Perlman (o professor universitário de belas-artes vivido pelo ator Michael Stuhlbarg no filme “Me chame pelo seu nome”), curiosamente, outro italiano, tal como Contardo.

Há algo nas terras de Rômulo e Remo (haveria tido vinho tinto nas tetas daquela loba?) para além do *dolce far niente* que deva me atrair. Enfim, aqui na República de Eldorado glauberiana a terra tem estado num transe hipnótico charcotiano sendo tratada como pária e motivo de chacota além-mar não sem motivos.

As valas abertas para se reprimir ao obscuro inconsciente um esquecimento indigno dos que partiram pela mazela biológica catapultada pelos desvarios estatais não são suficientes para conter o eterno retorno deste recalado, calcado a quilos de calcário. Repetir, recordar e elaborar é resistir. Sempre.

Nisso, há pulsão de vida que supere a de morte. “Morre o homem, fica a fama” dizia a cadência do samba de Ataulfo Alves. Contardo Calligaris vive! Sob as trevas medievais que tanto têm nos assombrado, (sobre)viverá a intelectualidade, a ciência, a razão, as luzes, a Arte. ■ ■ ■

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.